



ESPOZENDE
 PUBLICAÇÃO SEMANAL
 20 DE MAIO DE 1909
 III ANNO
 ASSIGNATURA (pagamento adiantado)
 Anna, sem estampilha 12000 reis, * Com estampilha 12360 reis
 Numero avulso 40 reis * Brazil, (moeda forte) 26500 reis
 Redacção e administração, Rua Velha Beirão n.º 7 a 9—ESPOZENDE

Director, proprietario e administrador—José da Silva Vieira.
 Composto e impresso na Typographia Espozendense da Rua da Silva Vieira—Espozende
 ANUNCIOS (seção competente)
 Por cada linha, ou espaço de linha 40 reis * Communicações, ou reclamações (reclamações) 10 reis
 Os sms. assignantes tem 25 % de desconto. * Imposto do sello (em cada publicação) 10 reis
 O pagamento dos annuncios é feito no acto da entrega do original. Annuncios annuaes, contra-
 cto especial. Annunciam-se todas as obras litterarias ou scientificas das quaes recebamos um exemplar
 Os originaes enviados á redacção, não se devolvem, sejam ou não publicados.
 N.º 137

MANIFESTO A'S CAMARAS MUNICIPAES

De Villa do Conde, Povoa de Varzim, Espozende e Barcellos
 —O que a Imprensa fez—O que as Camaras vão fazer

Todo o bom portuguez que ama a sua patria, o seu engrandecimento moral, a sua prosperidade economica e o seu brio, como povo de progressiva e civilisadora cultura, ao visitar a região que demora entre os concelhos de Villa do Conde a Barcellos, é ferido pelo espectáculo de local pobreza, de afflicção economica e de insuccesso material que ella, desoladamente patenteia.

Villa do Conde vive apenas do seu mercado semanal, como Barcellos: a Povoa das esperanças da sua epocha balnear; Espozende vive... nem eu sei de quê!

Não me parece opportuna, para agora, uma investigação sobre as causas de tanta e tão cruel decadencia. São ellas de ordem diversa, mas não tenho receio de errar assegurando que a mais demoralisadora e deprimente d'ellas todas; aquella que não tem deixado congregar os esforços singulares d'este e d'aquelle homem de boa vontade; aquella que desvia os povos da sua carreira nobilitadora, pondo de parte interesses reaes e positivos e entre-tendo-os com as phantasias e chi-

meras d'um falso pundonor e d'um ridiculo poderio—è a politica, a politica mesquinha das pequenas localidades, sacrificadas a vaidade, quando não a prosperidade do grupo vencedor. Ella poderia ser grande e generosa se uma força publica fosse orientada, embora egoistamente, para o engrandecimento local; poderia ser util, productora; embora intolerante e bairrista; mas è servida apenas pelo orgulho e serve apenas a mediocre alizez de espiritos educados na myopia do bem commum, vicio ancestral, que vem do tempo em que os barões consideravam como seu todo o baldio nacional, e como vangloria do seu solar a pluralidade dos officios, senão a pluralidade dos trabalhadores.

Na provincia vive-se ainda como ha cincoenta annos se vivia. O mundo soffreu, nos ultimos vinte annos, uma revolução completa; a politica passou a ser uma força reaccionaria e fora da moda, não valendo mais, no momento de civilisação economica em que vivemos, do que as outras forças historicas que o tempo e a evolução espiritu dos povos suppri-

miu, quando não pode ser aproveitada como material do novo edificio social. Dado o estado rudimentar da intellectualidade commum, a todo o passo notificado, e ainda ultimamente por os individuos que, no Congresso Municipalista, votaram contra o referendum—a politica, se fosse creatura que se commovesse com os males da patria, poderia desempenhar um bellissimo e formal papel, produzindo, sem sobresaltos e sem odios, a passagem do velho estado social para a nova conquista das coisas. Mas quem se atreve a esperar generosidades e christianissimas virtudes da funebre personagem que, durante todo o regime constitucional, apenas tem vivido da exploração do odio para maniença da sua prosapia?

Assim, o primeiro trabalho que ha a fazer, na provincia, toda a vez que se procure alicerçar um emprehendimento de interesse commum vem a ser a congregação de todos os espiritos sobre a consciencia d'aquelle interesse.

Não quero dizer com estas palavras que se vá ao referendum,

que até grande numero de membros do Congresso Municipalista regeitaram; mas aquella congregação tem de ser representada por todos os individuos de estado juridico que compõem a sociedade, ou uma fracção d'ella. Custa a conceber que as camaras municipais, por exemplo, não se commovam com um projecto de linha ferrea que vá atravessar os seus concelhos; que as associações que representam o capital, o trabalho ou a sociabilidade d'esses concelhos não exultem com a perspectiva de verem augmentados, valorizados em capital, esse trabalho e fomentadas as relações que constituem essa sociabilidade. Mesmo dentro da lei actual, eu creio bem que muito os municipios poderiam conquistar em beneficio dos seus vizinhos se toda a sua energia fosse applicada no sentido d'esse beneficio. Mas, ao passo que ainda são enormes as suas faculdades tributarias, o que se vê, geralmente è o producto d'esses tributos ser malbaratado já em phantasias, que traduzem mais uma vaidade do que uma necessidade publica, já na satisfação d'uma clientella politica d'onde dimanara a victoria do momento.

A razão, amiude allegada de que o concelho è pequeno e pobre para mascarar o desleixo ou a ineptia, não mascara totalmente os vicios da administração communal, pois que ha paizes em que são precisamente as pequenas e humildes communas aquellas que estão dando o exemplo e o mode-

lo ás grandes municipalidades. Eu não acabaria tão cedo se me dêsse ao trabalho de comparar alguns municipios europeus com a administração dos nossos, ou se fizesse o confronto mesmo dentro do paiz, de diversos periodos da gerencia concelhia. E em virtude do desconhecimento completo dos deveres da edilidade que a maior parte dos nossos concelhos se encontram na situação mais vergonhosa e mais mesquinha, e pertenço ao grupo d'aquelles que duvidam d'um renascimento de brio pela ampliação das faculdades do exercicio municipal. Não assistimos não, em todos os periodos eleitoraes ás accusações mais graves, feitas pelas opposições ás vereações que ellas combatem? Não se citam, a todo o instante os actos de nepotismo, os caprichos dispendiosos, e até as lupas dos contractos e das concessões? E tudo isto se fez, ou se desfez, dentro da lei, torcendo se as faculdades que ella concedia em beneficio de poucos.—Deve ser este—calculo eu—o grande embaraço de qualquer reforma administrativa no sentido de alargar o ambito das regalias municipalistas. Municipios importantes, pelo valor das suas contas, pela pluralidade dos seus moradores, pelos monumentos publicos e historicos que encerram, pela fortuna media dos seus proprietarios, pela proximidade dos grandes centros fabris e commerciaes do reino, não possuem coisa alguma de quanto è uso chamar-se «as re-

FOLHETIM
CANCIONEIRO MINUTO
 223
 Maricas, quando passares,
 Pela minha porta, à noitinha,
 Dá um ai da tua bocca
 Que eu ouça na cosinha.
 224
 Maricas, tu és um anjo,
 Um serafim do Senhor!
 Se te prendo em meus braços
 Saberás o meu amor.
 225
 Maria, minha Maria,
 Meu amor, meu coração!
 Não a dês nem á emprestes
 Essa fragil embarcação.
 226
 Menina não seja varla,
 Ponha o seu amor só n'um;
 Tantos ha-de procurar
 Que ha-de ficar sem nenhum.

227
 Menina quando morreres,
 Tereis graça singular;
 Fareis covinhas no rosto
 Para vosso amor enterrar.
 228
 Menina, venha commigo,
 Não tenha medo á fome;
 Que meu pae tem uma quinta
 Que sustenta quem não come.
 229
 Não posso amar de noite
 Nem de madrugada cedo,
 Que estou ameaçada
 De quem tenho pouco medo.
 230
 Não me namora o teu ter
 Nem o teu muito dinheirão.
 Namora-me o teu olhar
 Quando vas ao Estaleiro.
 231
 Não quero nada de ti,
 Nem valia d'um vintem;
 Eu passo bem sem ti,
 Tu sem mim passas bem.
 232
 Nas tranças dos teus cabellos
 Aprendi eu a nadar;
 Quantas vezes fui ao fundo
 Com risco de m'afogar!...

233
 Nunca te zangas commigo,
 Pois eu sei andar-te a gelto;
 Quando me falas na cama
 Eu sou a primeira que me deito.
 234
 Não posso viver sem ti,
 Sem ti, não posso viver;
 Viver sem ti, não é vida;
 Viver sem ti, é morrer.
 235
 Não me rondeies a porta,
 Nem de noite, nem de dia;
 Eu não sou santa nem santo
 A quem faças romaria.
 236
 O teu nome é uma estrophe,
 Que me arrebatá e seduz...
 Faz-me lembrar a Polonia
 Levando ao Galvário a cruz.
 237
 O teu nome, lindo artista,
 E' um nome de harmonia;
 E' uma estrellá que brilha
 Entre os ceus da poesia.
 238
 O meu amor ama a duas,
 Eu não me metto na conta;
 Podes amar a quem queiras
 Que não me fazes affronta.

239
 Olhos mais lindos que os teus;
 Não os vi, não os conheço;
 Depois que teus olhos vi
 Todos os mais aborreço.
 240
 O merda, chamou-me merda,
 O merda do meu amor!
 Venha merda e mais merda
 Venha merda por favor.
 241
 O meu amor eu não posso
 Com tantas penas amar-te,
 São tantos a pretender me.
 Eu resolvo-me a deixar-te.
 242
 O cantador, cantador,
 Porque não dá coisa boa?
 Cada qual dá o que tem...
 Conforme a sua pessoa.
 243
 O caçador foi á caça,
 Co'a arma caçadeira;
 Por desgraça, coitadinho,
 Caçou uma costureira.
 244
 Olhos azues, são varios;
 Os pretos, são lisonjeiros;
 Os brancos, são rotados;
 Os castanhos verdadeiros.

245
 Ondas do mar abrandae,
 Que quero adorar a Deus;
 Quero a torar e não posso
 Que peccados são os meus?
 246
 O' vida da minha vida,
 O cantar também que' hora;
 Tanto cautei hontem á noite
 Que não posso cantar agora.
 247
 O' minha bella menina,
 O retroz 'stá na balança;
 Enquanto não fores, minha
 Meu coração não descança.
 248
 Os teus olhos me prenderam
 Domingo ao vir da missa;
 Quem tem olhos que não prendem
 De casa tem a justiça.
 249
 Os olhos pretos, são falsos;
 Os azues, são onzeneiros;
 Os olhos acastanhados
 São os leaes verdadeiros.
 250
 O cravo bateu á rosa.
 A assucena foi jurar;
 O' que lindo juramento
 O jardim tem para dar!

galias civicas modernas. Não tem um matadouro limpo, não tem viação, não possuem uma sala de espectáculos, um serviço regular de protecção aos abandonados, uma fiscalisação regular de pesos e medidas, qualquer coisa que se pareça com um regime de agnas publicas, de illuminação de hygiene municipal.

Já não me refiro a qualquer symptoma, a qualquer tendencia de acompanharem o espirito cooperativo; mas a todos aquelles serviços que, desde sempre, constituíram o apanagio municipal. Mas para repellirmos, por uma vez, a falsa decellura que é de uso avançar-se a da pequenez da communa para os empreendimentos de interesse publico, cite-mos, por exemplo, o serviço do gaz n'uma das mais insignificantes villas da Dinamarca. O maior numero das cidades e villas dinamarquezas tomou, desde o principio, de sua copia os encargos da illuminação. Mais ainda, aquellas municipalidades não só se apropriaram d'aquelle serviço; mas também estenderam aquella industria ao aquecimento e à cosinha pelo gaz. Desde 1863 que a cidade de Naks-kow applicava uma tarifa reduzida de 50 0/0, para aquelles usos, sobre o preço do gaz de illuminação.

Em 25 annos, a sua produção passava de 1.250.00 metros cubicos por anno para 8.750.000 metros cubicos. A cosinha consumia tanto como a illuminação. Ao passo que n'outros paizes, na Alemanha, na Hollanda, na Belgica são as grandes cidades quem dá o exemplo, emquanto que em França e na Inglaterra o systema é de instauração recente, ou não é applicado, são as pequenas cidades dinamarquezas que, fabricando o seu gaz, deram o exemplo ás emprezas das grandes cidades, monopolizadas por uma forte companhia, a laia portugueza. As grandes cidades, servidas pelas companhias de gaz, só em 1870 adoptaram o systema do preço reduzido para o aquecimento, preço que ficou em Ofr. 27 cada metro cubico; quando na villa de Naks-kow, que já em 1863 distribuia gaz para aquecimento, o seu preço era de Ofr. 16.

As grandes cidades não são as mais facéis de administrar, apesar da largueza dos seus recursos. As pequenas communas portuguezas, se unidas fossem por um civismo intelligente e não constituisse feudos; mais ou menos sujeitos, de meia duzia de individuos que representam na capital, o papel dos antigos vizinhos, que D. Pedro I teve de expulsar para não adulterarem a inteireza da justiça, poderiam ser tão modelares como pequenas cidades dinamarquezas, suissas ou italianas, onde o amor da terra é mais alguma coisa do que o ouro falso das prosapias effeitoraes. Ha vinte annos, ha quarenta annos que a experiencia é feita, não podendo servir de desculpa a ignorancia das coisas a quem tanto alarde faz de sabedorias e de reformas, quando se tracta de deshonorar os adversarios politicos. Não sabendo afóra do ramo administrativo a que nos temos referido vejamos qual era ha vinte annos o consumo de gaz em meia duzia de cidades europeias, por anno e por cada habitante.

Londres.....	5:938	pés cubicos
Pariz.....	4:519	»
Nakskow.....	4:400	»
Vienna d'Anstria.	3:541	»

Berlim..... 2:875 »
Copenhague..... 2:093 »

Como se vê a cidade de Naks-kow, que produzia o seu gaz e que o consumia na sua triplie applicação de illuminação, aquecimento e cosinha, distribuia pelos seus habitantes maior cubagem de gaz do que Vienna, capital do imperio austro-hungaro, muito mais do que Berlin, capital do imperio allemão.

El sabem os meus amigos qual era a população de Naks-kow, ha vinte annos?

Era de 5:400 habitantes!

Pois aquella boa gente, apenas 5:400 almas, possuíam em 1886, e exploravam de conta da sua communa o gaz a agua e muitos outros serviços banaes, que na nossa terra são ainda no plano dos afastados ideaes.

Atribuir á deficiencia da lei a fallencia do nosso civismo será fomentar a facundia das opposições com mais alguns trupos de exploração plebeja; mas não me parece que tal processo venha a modificar, em pouco, nem em muito, a situação mesquinha em que os municipios se encontram. A fraqueza municipal a sua pobreza, os seus embarços, os seus desequilibrios, as suas derrotas procedem d'uma outra origem que não das durezas da lei. Quem assim o entende e o declara desconhece a maioria da legislação estrangeira, que não é mais ampla do que a nossa; desconhece, por exemplo, o que tem sido em França para as municipalidades o Conselho d'Estado. A fraqueza municipal, vem principalmente, do abandono da sua historia, do seu desvio intencional, do afastamento das suas razoes sociaes e juridicas.

A Camara foi out'ora o povo. A Camara foi a defeza dos interesses da communa, e não d'outros, privados, ou politicos. Se a municipalidade conservasse o seu caracter social e historico, se ella fosse o direito banal e não o interesse de meia duzia; se ella resolvesse em face do povo. Com o povo, as questões que ao povo adherem, como a roupa e o pão—onde haveria governo que suspeitasse das suas intenções e puzesse em liti-vida as suas facultades administrativas?

O eleitor, sendo o contribuinte, teria o cuidado de escolher bem e de repudiá-lo, rápido, aquelle que faltasse á sua honra pessoal ludibriando a fé publica. Mas, desde que as corporações municipaes se tornaram clubs politicos, com as suas represalias e as suas banesses; logico era que os governos as tratassem como forças politicas, apodrecidas no partidismo. Que ellas regressem ao principio, que ellas se aproximem do seu direito, que ellas repontem na sua historia, desenvolvendo a sua actividade na sequencia e no âmbito da evolução moderna e uma forte e higienica corrente d'ar se engolfará no pulmão nacional. Antes muito antes de sollicitarem do poder central a laxidão do systema devem ellas sollicitar do povo a indempnidade pelas suas culpas e o perdão do seu abandono.

Como vimos a boa vontade e a comprehensão exata dos deveres civicos são agentes bastantes para operarem a transformação d'uma pequena communa n'um municipio modelar. A chave do successo está na plenitude do direito commum, e não ha interdicção practica que se sustente quando contra ella, se levantar a palavra do honrado e do justo.

Assim, o que é fundamental em toda a pretensão municipalista é que ella represente sempre um voto de

justiça estabelecido n'um direito de toda a gente. Mas a municipalidade não possui apenas a sua propria força; possui ainda aquella que lhe advem da grandeza da sua obra.

É evidente, por exemplo, que uma linha ferrea ligando diversos concelhos, agrupando, fortalecendo os interesses d'uma região está ainda a dentro das facultades municipaes, e, em n'esse entender, não deve pertencer a outrem. A municipalidade pode dispor d'aquele com a sua viação. Quando essa viação interessa conjuntamente a diversos concelhos, ella deve ser executada pela somma d'essas dotações. Quem se oppõe a isso? Porque não se ha de syndicar diversas municipalidades na realização de empreendimentos de interesse regional? Onde está a lei que o prohiba? Onde a autoridade inter-districtal, que substitua o accordo dos municipios? Consultado o ministerio do reino sobre o uso de um direito collectivo, poderá esperar-se uma recusa que, além de não ser fundamentada no código organico da nação, representaria um agravo, um embarço insuperavel ao progresso do paiz?

Concelhos riquissimos como os de Villa do Conde, Povoa de Varzim, Espozende e Barcellos, para que essa riqueza aproveite, para que essa fortuna aumente; para que se abra a exploração agricola, para que se desenvolva o commercio, para que se valorise a propriedade; concorrendo todas estas grossas parcelas para a prosperidade do Estado, necessitam de ser ligados directamente, rapidamente, economicamente por uma linha ferrea. O transporte de passageiros e de mercadorias tem de ser feito regular, rápido, commo e barato. D'este empreendimento dependem, em absoluto o futuro e a prosperidade d'estes concelhos. Não ha duas opiniões divergentes, como provamos pelo inquerito feito por toda a imprensa regional, pelo voto de todas as corporações, pelo desejo ardente de todas as personalidades que tem fé nos destinos do seu paiz. Quaesquer que fossem os obstaculos materiaes, financeiros ou politicos, lançados a um empreendimento d'esta ordem, reclamado por tantos interesses e aclamado por tantos enthusiasmos; é evidente que o caminho de ferro regional de Villa do Conde e Povoa, Espozende e Barcellos tem de ser feito.

Tem de ser feito; porque Villa do Conde não se ha de deixar morrer na sombra da sua historia aristocrática.

Tem de ser feito; porque a Povoa de Varzim, deve ser a primeira praia do norte de Portugal e o entreposto do commercio da vasta região do littoral á foz do Minho.

Tem de ser feito; porque Espozende, tão importante pela sua população e pelas suas aspirações á existencia civilisadora, não pode ficar aparte, ao abandono do conjunto nacional.

Tem de ser feito porque Barcellos, o mais rico mercado agricola da provincia do Minho, não ha de ficar perpetuamente isolado das populações do littoral que são dos maiores concorrentes e dos maiores consumidores do seu mercado.

Tem de ser feito; porque tal é a aspiração unanime dos povos d'estes concelhos, tendo direito, pelo seu trabalho, pelas suas virtudes, pela nobreza com que exercem a sua função, dentro do paiz, a que ella seja realisada, na sua integridade nobilissima. Assim, hoje, amanhã, depois de amanhã, tem de fazer-se.

E porque não ha de ser hoje? E por quem deve ser feita?

Evidentemente—PELO SYNDICATO DAS CAMARAS MUNICIPAES.

Ha dias, um jornal da Povoa de Varzim, escreveu:

«Não queremos que esse projecto (o da linha ferrea) venha a converter-se em simples concessão nominal que mais tarde se transforme em empreza fechada á livre concorrência e em privilegio a longo prazo; porque fazemos bem presente o exemplo da linha ferrea do Porto a Povoa e Famacção, que, na época da sua concessão representava um beneficio de grande alcance; mas que actualmente está longe de bem servir os interesses da nossa terra.»

Isto é grave, como doutrina; é gravissimo, como redacção; mas eu

abandono pontos de vista restrictos, para me estribar mais fortemente n'um principio que está de harmonia com toda a exposição do que venho fazendo:

O caminho de ferro regional entre as freguezias centraes de Villa do Conde e Barcellos, servindo os concelhos da Povoa de Varzim e Espozende, deve ser feito pela acção conjunta das municipalidades que elle serve.

Obtida esta formula desaparecem todos os embarços, vencem-se todas as difficuldades, apagam-se todas as suspeitas.

As concessões nominaes que o collega da Povoa de Varzim temia, embora allegando maus exemplos, e creando pavores que só o seu exuberante patriotismo pode explicar, só podem desaparecer quando essas concessões forem requeridas pelo anonymado das collectividades concelhias. Os embarços e resistencias quer capitalistas, quer de usos e de interesses locais, que qualquer companhia exploradora poderia encontrar já nos tramites da concessão, já no desdobraimento das linhas, não podem levantar-se diante do syndicato dos concelhos, que representa a fortuna collectiva das freguezias e são a pessoa juridica bastaste forte para resolver todas as contrariedades.

Nós applaudimos freneticamente a formula apresentada pelo nosso collega da Povoa, não só porque ella é o corollario de tudo quanto temos dito em relação a este alevantado assumpto urgente; mas também porque, sendo elle o órgão do pensamento da Camara Municipal da Povoa ficamos na certeza de que a essa municipalidade cabe a honra de convidar immediatamente a representação das outras camaras a uma assembleia, que ficará na historia d'estes municipios como a sua pagina mais brilhante, mais illustre e mais ao sabor das modernas theorias municipalistas!

Nós completamos o pequeno papel que em tudo isto representamos, Nós, a imprensa regional, cumprimos o nosso dever. Todos os jornaes de Villa do Conde, da Povoa, de Espozende, de Barcellos, com um entusiasmo purissimo, do maior desinteresse e do maior patriotismo, commoveram radicalmente a opiniao publica, alevantaram o applauso de todas as corporações illustres, congregaram o coro de todos os votos na affirmacção de que é urgente a construcção do caminho de ferro. Com um altruismo igual ás provadas intelligencias que constituem o senado po-ygense, vae elle tomar a iniciativa de um melhoramento que será o mais limpo diamante do seu thesouro patriotico; os nomes dos cavalheiros que o compõem ficarão registados como divisas de probidade, de illustração e de patriotismo.

A tarefa da imprensa acabou. Principia agora a tarefa do syndicato municipalista; e nós retiramo-nos na certeza de que ella será tão viva, tão insistente e tão proficua como a outra.

Azurara, 6 de maio de 1909.

EMYGDIO D'OLIVEIRA.

HISTORIA UNIVERSAL

Por G. Oncken

A importante livreria Lisbonense do sr. José Bastos & C., estabelecida na rua Garrett, n.º 75, vae lançar á publicidade esta importante obra; a mais completa que até hoje se tem publicado em lingua viva.

A *Historia Universal de ONCKEN*, que antes se pode chamar *uma completa bibliotheca historica* pela sua vastidão, riqueza de informação scientifica, escolhida illustração artistica

e archeologica, é o maior monumento que a sciencia historica foi levantado na Alemanha no seculo XIX. Dentre as numerosas historias universaes publicadas em quasi todas as linguas, nenhuma nem de longe se lhe pode comparar. Cada um dos seus volumes é uma monographia completa que faz auctoridade e que de um modo tanto quanto possivel definitivo fixou a historia do respectivo periodo ou da respectiva nação. Quem possuir esta bibliotheca, até hoje sem rival, tem ao seu dispor toda a sciencia historica que no decorrer dos seculos se foi amontoando n'uma enorme construcção synthetica, graças aos trabalhos de umas poucas de gerações de investigadores e de homens de sciencia, que conseguiram desvender os mysterios do passado e penetrar a alma dos povos hoje desapparecidos mas que nos monumentos que nos legaram, deixaram os vestigios da sua passagem sobre a terra.

E sendo assombroso como monumento de cuidadosa e erudita investigação a obra colossal de ONCKEN, é ao mesmo tempo o mais impressionante quadro que o homem pode contemplar, quadro que sem deixar de ser a exacta reprodução da realidade, assume as proporções de uma gigantesca obra d'arte, unica no seu genero, em que as tragedias mais pungentes alternam com as mais inesperadas e empolgantes peripecias dramaticas, e com os mais commovedores lances que é dado ao homem imaginar. Por isso a *Historia Universal de ONCKEN* é não só obra para ser consultada no remanso do gabinete pelo sabio apaixonadamente devotado ao culto puro da verdade, mas modelo para ser estudado com amor pelo politico que em meio do tumultuar da praça publica carece de norma para nortear o seu proceder. E' não sómente lição proveitosa para o homem que encara a vida apenas pelo lado utilitario, mas também indispensavel suggestão para o artista que ás grande crises da humanidade, aos enthusiasmos, ás abnegações, aos martyrios e até aos grandes crimes da historia—vae buscar inspiração para as suas creações.

Na historia de ONCKEN assiste-se ao primeiro desabrochar da mysteriosa civilisação do Egypto, quando o mundo inteiro ainda estava mergulhado nas trevas da barbarie. Contempla-se o desfilar estu-pendo das suas 34 dynastias de onde se destacam os nomes que encheram a historia antiga com o seu echo—os Thutmés, os Ransés, os Amemahs, os Psámmeticos.—E admira-se a inconcebível riqueza artistica dos seus templos, dos seus palacios, dos seus hypogeos, dos mil thesouros emfim que a laboriosidade dos modernos investigadores tem posto a descoberto.

Depois são as guerras, quasi lendarias pela sua grandeza epica, da Assyria e da Babilonia e a fascinadora chronica da vida dos dois grandes imperios do Tigre e do

Euphrates. Depois é a Persia com os movimentados incidentes políticos e militares, que fizeram com Cyro, Cambyses, Xerxes e Dario, do pequeno nucleo iraniano a vasta monarchia que chegava de um lado até a India, do outro até ao Egypto e à Grecia. Depois apparece-nos a velha India com os seus livros sagrados, os mais antigos da humanidade; com os seus poemas—o Mahábhárata e o Ramáyana—mais vasto do que dez vezes a Iliada e a Odysséa; com as suas luctas gigantes em que os proprios deuses batalham com os homens em combates formidaveis; com os seus pagodes altos como montanhas; com as suas seitas religiosas tenebrosas e fanaticas, que muitas d'ellas atravez da peninsula deixaram um rasto de sangue, que ainda hoje dura. Depois é a chronica admiravel das navegações phenicias. Depois são as maravilhas estheticas da civilização grega, esse eterno modelo de belleza, que em vão os seculos seguintes tentaram imitar. Depois é esse drama mundial e sem par do nascimento, dos progressos, da grandeza, e a seguir da decadencia e da queda de Roma, que encerra a mais eloquente lição da historia universal.

Na Edade-Media a *Historia Universal de ONCKEN* faz-nos assistir ao grandioso drama das invasões, patenteia-nos a vida intima das raças barbaras, descreve-nos em maravilhosos quadros de uma irreprehensivel fidelidade as grandes luctas de onde sahiram o papado, o feudalismo, as cruzadas e as communas. Approxima-se a Renascença e essa radiante alvorada do espirito humano é contada em paginas de incedível encanto, comoras vezes se encontram em livros de historia scientificamente escripta. A seguir á Renascença cabe a vez ao grande movimento dos descobrimentos, em que Portugal representa tão importante papel. Depois descreve-se a Reforma, a contra reforma, as epicas guerras religiosas que terminaram com a paz de Westphalia, e que durante trinta annos inundaram de sangue e semearam de ruinas a Europa central.

A partir d'este momento entram em scena as nações actuaes na forma definitiva que até hoje mantem, e começa então a extraordinario descripção, attrahente como um romance, das crises europeias modernas, em que se destacam as figuras gigantes—sympathicas umas, outras odiosas—dos chamados grandes homens: Richelieu, Luiz XIV., Colbert, Cromwell, Pombal, Wasinhgton, Mirabeau, Danton, Napoleão, Mazzini, Cavour e Bismark. E tudo isto descripto em capitulos inolvidaveis, que se gravam no espirito do leitor por forma a não esquecerem mais—obra do que melhor a sciencia historica representada nos mais illustres dos seus nomes produziu no seculo XIX.

Eis em alguns traços apenas o que é a publicação grandiosa que vamos emprehen-

der. Numa epocha em que a historia é a principal preocupação de todos os espiritos cultos—a ponto de poder dizer-se com justificada razão que o século presente é o século da historia—um livro assim, ou antes, uma bibliotheca d'esta natureza e vastidão, é instrumento indispensavel para quem deseje viver dentro das correntes do seu tempo e satisfazer as necessidades e aspirações da sociedade de que faz parte. A *Historia Universal de ONCKEN* é indispensavel ao homem de sciencia, ao politico, ao simples estudioso, e até áquelle que, nas suas leituras, procura de preferencia o deleite e a distração. Tem paginas que prendem como um romance de sensação, tem outras que encatam como se fossem uma obra d'arte, tem outras que illustram como manual scientifico, outras que despertam a mais viva curiosidade, outras enfim, cujos lances pateticos nos enthusiasmam, nos interessam e nos confrangem, nos arrancam um brado de admiração ou nos obrigam a soltar um gemido de dôr, como se por uma identificação mysteriosa atravez do tempo e do espaço, nos fosse licito ir viver com esses heróes e essas victimas, uma hora da sua vida agitada, para sentirmos tambem nós as suas alegrias ou cairmos tambem com elles feridos pelo mesmo golpe desapiadado do destino!

Pela ligeira descripção que acabamos de fazer da admiravel obra que vai ser lançada a publicidade, mal se pôde avaliar toda a sua grandeza. A traducção cuidadosamente correcta e de meticulosidade scientifica absolutamente indispensavel está garantida pela competencia especial das pessoas a que foi incumbida, mas muito especialmente pela inegualavel competencia e auctoridade do seu director, o eminente professor de historia Z. Consiglieri Pedroso, director do Curso Superior de Lettras, notavel escriptor pelo seu saber inconfundivel e pela sua reconhecida probidade scientifica.

Os editores, reconhecendo a importancia da edição que vão lançar no mercado e o sacrificio de trabalho e de capital que n'ella vão empregar, não se atreveriam a tal empreza se não estivessem absolutamente convencidos do altissimo serviço que com tal publicação prestam ao seu paiz e se não tivessem, além da melhor colaboração litteraria e artistica, a dedicada e competentissima direcção de Consiglieri Pedroso, o primeiro professor de historia em Portugal.

O CATACLISMO DO RIBATEJO

Está na quantia de 100\$000 reis a subscrição promovida pela benemerita Commissão de Socorros ás victimas sobreviventes dos tremores de terra no Ribatejo.

Consta-nos que nas freguezias rurales os revs. parochos tem promovido aquelles e ali a os seus parochianos com aquelle caritativo fim.

CARTA DE LISBOA

DIVORCIO

Desta vez a Dulcinea Junior (não sou mulher, mas do sexo *mãle*; foi a typographia que me chismou... de Eva) thes.vai fallar dum facto que o incomodou bastante e duplamente sob o ponto de vista social e sob o ponto de vista de humanidade.

Podia, é certo, a Dulcinea referir-se apenas ao primeiro caso, não o fêz positivamente. Depois se dirá.

Foi d'hontem que o «Seculo» troje em travesti de viagem (o jornal da rua Formosa é um camaleão) noticiou ás gentes portuguezas um assassinato á facada (foram duas) em Santarem; marido, atastado da mulher, a quem regularmente maltratava; com a mesma facilidade com que quizia missa, resolveu, vingando a sua presumida honra, apenas isto—crava-la. E fê-lo de dia, quando o sol illumina a natureza, e os homens estão entregues ao commercio, á industria, á arte e ao saber. Presb; cnicamente confessou tudo.—a sua honra (não riem) enxovalhada, o seu coração despedaçado, e a troca dos companheiros. Sim: trocavam-no e a afflicção que lhe subia ao coração era determinante forte. E um dia aborrecido...

Fica para outra vez...

Dulcinea Junior.

FESTA DAS ROSAS

Na parochial de Villa Chã effectua-se hoje a magnifica solemnidade commemorativa da Ascensão do Senhor, vulgarmente chamada a FESTA DAS ROSAS.

PARA O BRAZIL

Tem sabido, durante os ultimos vinte dias decorridos d'este mez, muitos emigrantes d'esta villa e freguezias rurales com destino ao Brazil.

Embarca tambem por estes dias, segundo nos consta, para as terras de Santa Cruz, o sr. Abilio Fernandes, commerciante e industrial d'esta villa.

Encontra-se gravemente doente o sr. Francisco Maria Lopes de Carvalho, antigo guarda-rios e um dos fidejantes do aterro da doca.

Desjamos-lhe melhoras.

Marinhas 19

Faz hoje precisamente um mez que n'este logar noticiei o consorcio da sr.^a Emilia Alves Morgado com o sr. Leonildo Rodrigues Soares; e hoje, volvido este pequeno espaço de tempo noticiei o fallecimento da desditosa Emilia, na sexta-feira passada, 14 do corrente.

Victimou-a uma pertinaz febre typhoide.

O seu enterro realiso-se no domingo pelas 10 horas da manhã com numerosa assistencia de curiosos e de pessoas amigas da extinta e de sua familia. Que descanse em paz a infeliz Emilia e os meus sentidos pezames á familia enlutada.

—Continua doente, se bem que bastante melhor dos seus incomodos que o tem retido no leito o rev. Gonçago Francisco Alves Morgado.—M.

Festas e romarias

No visinho lugar de Goizos deve ter lugar, nos ultimos dias do corrente mez, a popular romaria de S. Roque.

Uma excellente occasião para se gosar algumas horas no aprasivel local, a dois passos d'esta villa.

Afirmam-nos que na vespera se á queimado um maravilhoso fogo preso e do ar, e que nas illuminações se propoem caprichar admiravelmente os illumina-dores d'ali.

Nô arraial tocarão duas musicas.

Em Forjães projectam-se importantes e ruidosas festas a Nossa Senhora de Lourdes, que se venera na parochial d'aquella freguezia para os dias 3, 4, 5 e 6 de junho proximo.

O programma, que nos dizem ser bastante variado, publical-o-hemos brevemente.

N'esta villa e no proximo dia 10 de junho, festejar-se-ha a Virgem Santa Quiteria, effectuando-se por essa occasião a commovente cerimonia da primeira communhão ás creanças de ambos os sexos.

Luctuosa

Falleceu em Fão o sr. Manoel de Jesus Ferreira Lyrio, proprietario ali muito estimado.

O finado era cunhado do nosso amigo sr. Francisco Ribeiro da Fonseca, considerado maritimo d'aquella localidade.

Os nossos pesames.

Estiveram entre nós o nosso amigo e considerado membro do commercio portuense sr. Francisco da Rocha Gonçalves e o briogo academico sr. Antonio Fonseca.

Movimento maritimo

Sahiu antes de hontem a barra d'este porto, com um importante carregamento de madeiras e outros artigos, destinado a Villa Real de Santo Antonio, o hiate *Gomes 1.º*, de que é habil mestre o sr. João Fernandes Loureiro, antigo e conceituado official de navios de cabotagem.

Que vá e venha de saude e effectue uma viagem esplendida.

Regressou do Rio de Janeiro a sr.^a D. Augusta Gonçalves, tia do sr. Carlos Pereira Gonçalves, de Fão.

Excursão republicana

Foi crescido o numero de automoveis que fizeram passagem n'esta villa, com direcção a Vianna do Castello, conduzindo muitas dezenas de membros do partido republicano do Porto que ali foram confraternisar, n'uma festa intima, com os seus camaradas da bella princeza do Minho.

Caça

Diz-se por ali não sabemos se com viços de verdade, que na vizinha freguezia de Palmeira do Faro tem sido vistos varios caçadores de fora do concelho, caçando com cães e a pau.

A ser verdade, são dignos de um severo correctivo.

A dynamite?

Consta-nos que em um dos dias ultimos foram lançados no nosso Cavado, no sitio da Barea do Lago, Gomezes, alguns tiros de dynamite ao peixe.

Com vista ás autoridades.

Estiveram em Villa do Conde, domingo, os snrs. Alvaro Pinheiro, João de Magalhães, Firmião Clementino Loureiro, Emilio B. Mórteira, Alfredo V. de Lima, Fernando P. Evangelista e o director d'este jornal.

Victimado pela terrivel tuberculose, falleceu terça feira, n'esta villa, a mendigo José Fedelho.

AOS INCAUTOS

Communicam nos d'uma freguezia vizinha a esta villa, que consta ali que um certo negociante d'aqui—petroleiro ou coisa parecida—muito conhecido já pelas suas faganhas de escroquerismo e outras, tem andado por lá extorquindo sommas de dinheiro que diz deverem-lhe.

Um dos nossos assignantes foi tambem victima d'essa agilidadade. O tal burlista apresentou-se-lhe em casa dizendo que aquelle nosso amigo lhe devia 230 reis. Ora como nem este cavalheiro nem a familia nunca tinham tido contractos a crédito com tal meliante, facil será de presumir qual não seria o seu espanto ao ver-se assim roubado em plena luz do dia, na sua propria casa.

A justiça mandava pegar num marmeiteiro e zás... até tocar a quebrado. Mas a prudencia...

Todavia como tinha mais vergonha que o astucioso pagou o que não devia, por amor ao nome, dizendo-lhe:

—«E' por intenção das almas do purgatorio.»

A um outro a quem elle tinha passado um recibo de quitação pedia-lhe uma certa quantia.

Não se lembrou que tinha passado o recibo; foi o diabo, O interpelado foi lançando

mão d'uma tranca e o burlista houve por bom conselho pôr-se em Villa-Diogo, que é terra de segurança.

Cautellá, pois com o salperrista e com as laes subscrições ad hoc...

Feliz exito das Pilulas Pink

A sr.^a D. Adelaide da Silva, que reside em Lisboa, rua Nova da Trindade, n.º 74 4.º andar, informa-nos na carta que vai ler-se da bella e rapida cura que acaba de obter. A anemia, essa eterna inimiga das senhoras na flor da idade e das meninas no periodo da formação, havia-lhe minado a saude e foi necessaria a energica intervenção das Pilulas Pink para re tituir a esse pobre organismo enfraquecido, deprimido, a saude e as forças perdidas.



Sr. D. Adelaide da Silva.

«Ninguém pôde imaginar, diz-nos a sr.^a D. Adelaide da Silva, o estado de fraqueza a que eu tinha chegado, quando comecei a tomar as suas excellentes Pilulas Pink. A anemia extenuara-me completamente: e a grande magreza em que estava e o meu mau aspecto bem claramente mostravam, logo á primeira vista, o pessimo estado da minha saude. Tinha constantemente dôres de cabeça, dôres no peito e nas costas, desaparecera de todo o appetite e não comia quasi nada. Durava já ha bastante tempo esta minha doença, que de dia para dia mais me definhava, e nem sabia o que havia de fazer, quando, felizmente para mim, me decidi a tomar as Pilulas Pink. Estas boas Pilulas curaram-me completamente. Agora não sinto o minimo incomodo, engordei, recuperei o bom appetite d'outro tempo e um bello aspecto de saude, n'uma palavra acbo-me actualmente de perfeita saude.»

As pilulas Pink são o mais poderoso dos reconstituintes; dão sangue e forças, estimulam o appetite e tonificam o systema nervoso, dão novo vigor a todo o organismo. As Pilulas Pink curam a anemia, a clorose das meninas novas, o enfraquecimento sob todas as suas formas, as doenças de estomago, enxaquecas, rheumatismo, neurasthenia.

As Pilulas Pink foram officialemente approvadas pela Junta Consultiva de Saude. Estão á venda em todas as pharmacies, pelo preço de 800 reis a caixa 45\$00 reis, 6 caixas.

Deposito geral: J. P. Bastos & C.^a, Pharmacia e drogaria Peninsular, 39, rua Augusta, 45, Lisboa.

Sub-agentes no Porto: Antonio, Rodrigues da Costa & C.^a 102, Largo de S. Domingos, 103.

ANNUNCIOS

ALUGA-SE OU PASSA-SE

Uma loja de merceria e padaria (baixos do Hotel Central); para tratar, na mesma com M. Pimenta.

Livros escolares, objectos de escriptorio, papelaria, e muitos outros artigos encontram-se á venda na Livraria e Papelaria Espozendense.

PORTUGAL PREVIDENTE

COMPANHIA DE SEGUROS
SOCIEDADE ANONYMA RESPONSABILIDADE LIMITADA
 Endereço telegraphico: VIDA—LISBOA
 Numero telephonic: =1.849
 Auctorizada pelo governo de Sua Magestade (Portarias de 8 de Junho de 1908 e 24 de Outubro de 1908, e de sua Magestade Catholica (Real Ordem de 31 d'outubro de 1908)
UNICA COM SUCCURSAL EM ESPANHA
RUA DO ALECRIM N.º 10, 1.º

SEGUROS DE VIDA EM CASO DE MORTE = COM EXAME MEDICO

Vida Inteira—Seguro que se vence por morte do Segurado.
Temporarios—Tendo principal applicação para garantia de emprestimo.
Mixtos—Vencem-se no fim de um determinado prazo, ou por morte do Segurado se esta occorrer dentro deste prazo.
Prazo fixo—Vence-se no fim de um determinado prazo, cessando a obrigação de pagamento de prémios, se o Segurado fallecer antes do vencimento do Contracto.
Combinado—Seguro de VIDA INTEIRA e conjuntamente constituição de uma renda vitalicia differida a favor do proprio Segurado, se elle sobreviver ao prazo de pagamento de prémios.
Supervivencia—Seguro duma renda que devia ser paga a determinado beneficiario a partir da fallecimento do Segurado.
Conjuncto—Seguro de VIDA INTEIRA sobre a vida de duas pessoas pagavel pelo primeiro fallecimento.

EM CASO DE VIDA = SEM EXAME MEDICO

Rendas Vitalicias Immediatas—Vulgarmente chamadas fundos perdidos.
Rendas Vitalicias Differidas—ou pensões de reforma.
Capitales Differidas—Constituição de Dotas para crianças e adultos.
Capitales Differidos com Contraseguro—Constituição de dote com resilição dos prémios no caso do contracto não se vencer.
SEGUROS TERRESTRES **SEGUROS AGRICOLAS**
SEGUROS MARITIMOS
SEGUROS CRYSTAES **SEGUROS POSTAES**

A partir do dia 1.º de Janeiro de 1909.

Acceitam-se agentes e angharidtores nas terras da provincia onde os não haja. Comissões Remuneradoras.

NO CAMPO

Viriato d'Almeida

POESIAS DISPERSAS

Um elegante volume de 40 e tantas paginas nitidamente impresso em magifico papel.

160 reis.

A vendá na Livraria Espozendense, editora, de José da Silva Vieira, e em diversas livrarias do pais.

CATECHISMO POPULAR CATHOLICO

Por
Franzisco Spirago
 Professor do Seminario Imperial e real de Praga
 Tradução e adaptação portugúesa do
Dr. Manoel Abundio da Silva
 Professor e advogado
 E
 Com uma Carta-prefacio Pelo Ex.º e Rev.º Sr. **D'Antonio José de Sousa Barroso**
BISPO DO PORTO

Condições de assignatura:

A obra constará de dois grossos e elegantes volumes, e será distribuida em fasciculos quinquen as de 48 paginas de texto, formada 8.º grande, typo legivel e completamente novo e bom papel.

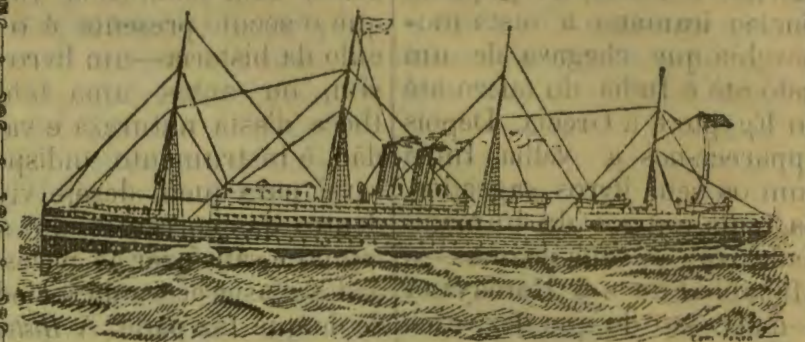
Cada fasciculo custará apenas 100 reis, que serão pagos no acto da entrega. Os assignantes da provincia receberão os fasciculos pelo correio e pagará de cinco em cinco fasciculos, para e que lhes serão enviados pelas respectivas estações postaes os competentes recibos.

A distribuição que será feita com toda a regularidade, começou nos principios de dezembro.

Acceitam-se correspondentes em todas as terras onde os não ha, dando referencia n'esta cidade. A comissão é de 20%.

Assigna-se a obra em todas as livrarias do reino, em casa dos ex.ºs srs. correspondentes, e no escriptorio do editor **ANTONIO DOURADO**, rua das Flores 42 1.º andar—PORTO.

COMPANHIA REAL DO PACIFICO



Magníficos paquetes da carreira do Brazil, illuminaos a luz electrica dando excellent tratamento e vinho a todas as comidas

PAQUETES CORREIOS A SAHIR DO PORTO DE LEIXÕES

ORITA, a 2 helices, de 9.500 toneladas, em 25 de maio para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo, Buenos-Ayres, e mais portos do pacifico.

ORAVIA a 2 helices, de 6.000 toneladas, em 8 de junho para o Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos-Ayres, Valparaiso e mais portos do Pacifico.

Os paquetes desta Companhia tocam alternadamente em SANTOS

Os preços das passagens de terceira classe, de LEIXÕES para os portos do Brazil são de 38500 reis e para Montevideo e Buenos-Ayres 40500 rs.

Este preço é devido aos paquetes serem da Ma-la e estarem classificados em primeira categoria. Para tratar, com os agentes geraes do norte de Portugal:

KENDALL PINTO BASTO & C.ª

73, Rua do Infante D. Henrique—PORTO

A SAHIR DO PRELO

A ENTRAR NO PRELO

PÉTALAS

2.ª EDIÇÃO

ENSAIOS ETHNOGRAPHICOS

VOL. V

NOVIDADE LITTERARIA

“O SOLAR DOS VERMELHOS,”

BREVEMENTE

PRIVILEGIO



EXCLUSIVO

CONTRA A TOSSE

DOENÇAS DO PEITO

XAROPE PEITORAL JAMES

Unico approved, legalmente autorizado pelo conselho de saude publico de Paris e Inspectoria Geral de Hygiene de Gótya do Rio de Janeiro.

A efficacia d'este xarope, evidentemente provada em muitas observações nos hospitales e na clinica particular dos mais distinctos medicos d'esta paiz, levou o Conselho de Saude Publica do Reino a apprová-lo (distincção que lhe não mereceram outras preparações), e a considerá-lo um verdadeiro especifico contra as bronchites, tanto agudas como chronicas, defluxo, tosse rebelde, tosse comida e asthmatica, dor do peito, escarros de sangue, e contra todas as irritações nervosas.

Cada frasco está acompanhado de um impresso com o parecer que o Conselho de Saude deu ao governo, e com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelos consules do Brazil.

Na parte collada do envolvero esta minha assignatura sem tinta azul.

J. A. Franco

Deposito geral — Pharmacia Franco, Filhas

EM LISBOA — LISBOA

PHOTO-REVISTA

ILLUSTRAÇÃO MENSAL

Jornal dos amadores de Photographia

CONDIÇÕES

ASSIGNATURA—Reino, Ilhas e Colonias, anno (1908): 12000
Brazil 48000

Acceitam-se correspondentes em todas as localidades.

Cobrança pelo correio, 50 reis. Para o ultramar, 150 reis.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Director do PHOTO-REVISTA—Rua da Fabrica, 55—PORTO.

OS ANJOS

DA TERRA

O MELHOR ROMANCE DO LAUREADO ESCRITOR

Enrique Feres Escrich
Edição magnificamente illustrada
Cada Tomo 100 rs.
Cada Fasciculo 30 rs.

Valiosos brindes aos srs. assignantes
A empresa da Biblioteca do Povo, no intuito de ser grata ao favor com que o publico acolheu a sua primeira tentativa—Os Filhos do Trabalho, que tão extraordinário rio agradou, tem sido dos seus assignantes, resolveu encetar uma outra edição—Os Anjos da Terra—distribuido aos srs. assignantes.

Valiosos Brindes

1.º BRINDE

Dez Libras Em Ouro

2.º BRINDE

Uma obrigação de emprestimo portuguez de 3.º de 1905 podendo o seu possuidor ter um premio de

3.º BRINDE

Um Relogio De Ouro Para Senhora

4.º BRINDE

Um Gramophone e seus competentes discos

5.º BRINDE

Um estojo de prata para toilette de senhoras

Os brindes serão distribuidos segundo a extracção da toteria que se realice depois de concluida a obra e em conformidade com o annuncio feito nas capas do ultimo fasciculo e do ultimo tomo.

Toda a obra custará apenas aproximadamente 12800 reis.

R. M. . P.

MALA REAL INGLEZA



PAQUETES CORREIOS A SAHIR DE LISBOA

ASTURIAS em 31 de maio

Para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres.

AVON em 14 de Junho

Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres.

ARAGON em 26 de junho

Para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres.

DANUBE em 12 de junho

Para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres.

Preço da passagem de 3.ª classe para o Brazil 38500 reis
" " " " Rio da Prata 40500 "

A bordo ha creados portuguezes.

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, mas para isso recommendamos toda a anticipação

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal

TAIT & CO.

Rua do Infante D. Henrique—PORTO

Ou aos seus agentes nas provincias.

Os bilhetes de passagens, vendem-se em Espozende em casa do sr. José da Costa Terra.